

NARRATIVAS DE JOVENS DO ROSADO (RN): EXPERIÊNCIAS DOS MAIS VELHOS PARA A FORMAÇÃO EM COLETIVIDADE

■ ANA LÚCIA OLIVEIRA AGUIAR

<https://orcid.org/0000-0003-3626-2427>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

■ STENIO DE BRITO FERNANDES

<https://orcid.org/0000-0001-6300-9561>

Secretaria da Educação e da Cultura do Estado do Rio Grande do Norte

■ ALEKSANDRA NOGUEIRA DE OLIVEIRA FERNANDES

<https://orcid.org/0000-0002-7584-1870>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

RESUMO

Este estudo objetiva compreender como os saberes da experiência dos mais velhos contribuem para a construção da formação dos jovens da Comunidade do Rosado (RN) em seus espaços de possibilidades na dimensão do corpo, do tempo e do pertencimento ao lugar. As narrativas (auto)biográficas permitiram um registro dos espaços do lugar, da biografia do corpo, das lembranças e das experiências dos mais velhos compartilhadas com os jovens da Comunidade do Rosado no distrito de Porto do Mangue (RN). Utilizamos a pesquisa (auto)biográfica como método de investigação, consideramos as narrativas biográficas como acessíveis e identificáveis para a história de vida como práticas de formação constitutivas da experiência ao longo da vida. Compreendemos por meio das narrativas de dois jovens da comunidade que as lições de aprendizagem dos mais velhos através dos saberes da experiência, nos seus espaços de vivências, são repassadas para os jovens. Esses saberes da experiência, tais como: pescar, plantar, esculpir, rezar e costurar permanecem no lugar, de modo que os próprios jovens aprendem e compartilhem uns com os outros na construção de representações em coletividade. Esses sujeitos históricos e sociais são fortalecidos devido ao sentimento de pertença e à participação na construção e desenvolvimento dos espaços onde habitam.

Palavras-chave: Jovens. Narrativas (auto)biográficas. Saberes da experiência. Formação.

ABSTRACT **NARRATIVES OF YOUNG PEOPLE OF THE ROSADO/RN: EXPERIENCES OF THE OLDEST MOST FOR FORMATION IN COLLECTIVITY**

This study aims to understand how the knowledge of the experience of the oldest most contributes to the construction of the formation of young people in the Rosado Community (RN) in their spaces of possibilities in the body dimension, time and belonging to the place. The (auto) biographical narratives allowed a record of the spaces of the place, the biography of the body, the memories and the experiences of the oldest shared with the young people of the Rosado Community - Porto do Mangue district (RN). We use (auto)biographical research as a method of investigation, we consider biographical narratives as accessible and identifiable for the life story as formation practices constituting the experience throughout life. We understand through the narratives of two young people from the community, that the learning lessons of the oldest most through the knowledge of the experience, in their living spaces are passed on to the young people. This knowledge of the experience, such as: fishing, planting, sculpting, praying and sewing, remains in place, so that young people themselves learn and share with each other in the construction of representations in collectivity. These historical and social subjects are strengthened due to the feeling of belonging and participation in the construction and development of the spaces where they live.

Keywords: Young people. (Auto)biographical narratives. Knowledge of experience. Formation.

RESUMEN **NARRATIVAS DE JÓVENES DEL ROSADO/RN: EXPERIENCIAS DE LOS MÁS VIEJOS PARA LA FORMACIÓN EN COLECTIVIDAD**

Este estudio tiene como objetivo comprender cómo el conocimiento de la experiencia de los más viejos contribuye a la construcción de la formación de los jóvenes en la Comunidad Rosado (RN) en sus espacios de posibilidades en términos de cuerpo, tiempo y pertenencia al lugar. Las narraciones (auto)biográficas permitieron un registro de los espacios del lugar, la biografía del cuerpo, los recuerdos y las experiencias de los más viejos compartidos con los jóvenes de la comunidad de Rosado - distrito de Porto do Mangue (RN). Utilizamos la investigación (auto)biográfica como método de investigación, consideramos que las narrativas biográficas son accesibles e identificables para la historia de la vida como prácticas de capacitación que

constituyen la experiencia a lo largo de la vida. A través de las narrativas de dos jóvenes de la comunidad, entendemos que las lecciones de aprendizaje de los más viejos mayores a través del conocimiento de la experiencia, en sus espacios de experiencia, se transmiten a los jóvenes. Este conocimiento de la experiencia, como: pescar, plantar, esculpir, rezar y coser, permanece en el lugar, para que los jóvenes aprendan y compartan entre sí en la construcción de representaciones en colectividad. Estos la sujetos históricos y sociales se fortalecen debido al sentimiento de pertenencia y participación en la construcción y el desarrollo de los espacios donde viven.

Palabras clave: Jóvenes. Narrativas (auto)biográficas. Conocimiento de la experiência. Formación.

Introdução

Este estudo¹ consiste em um registro dos espaços do lugar, da biografia do corpo², das lembranças e das experiências dos mais velhos compartilhados com os jovens da Comunidade do Rosado³ no distrito de Porto do Mangue (RN). Das relações individuais e coletivas promovidas por esses saberes da experiência, nasce o diálogo dos mais velhos com os jovens da comunidade. Diante disso, brota o seguinte questionamento: como os saberes fruto das experiências dos mais velhos contribuem para a construção da formação dos jovens da Comunidade do Rosado (RN)? Objetiva-se compreender como os saberes da experiência dos

mais velhos contribuem para a construção da formação dos jovens da Comunidade do Rosado (RN) em seus espaços de possibilidades na dimensão do corpo, do tempo e do pertencimento ao lugar.

A trajetória percorrida neste estudo sinaliza para uma pesquisa qualitativa em Educação no Campo do conhecimento das Ciências Humanas, especialmente da Ciência da Educação. Utilizamos como método de investigação a pesquisa (auto)biográfica, apoiada teoricamente em Josso (2010a; 2010b) e Delory-Momberger (2008a; 2008b). Para Josso (2010a), a temporalidade pode ser verbalizada e socializada numa narrativa de vida e da formação. A autora acrescenta que é tempo de realizar uma tomada de consciência e de fazer um trabalho de integração e de subordinação para transformar o tempo em experiências formadoras de competências e de qualidades. Para Delory-Momberger (2008a), as dimensões do tempo são essenciais na construção da experiência e no trabalho biográfico, pois implicam no espaço mais íntimo do nosso próprio corpo. A autora ainda reforça que esse corpo constitutivo da experiência é o lugar de construção e formação da representatividade do sujeito no plano individual e coletivo nesse processo de biografização.

1 Este estudo é um recorte da pesquisa de mestrado, intitulada *Contar a vida, construir a formação: narrativas de empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado (RN)*, apresentada em 2018 no Programa de Pós-Graduação em Educação (Poseduc) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Relaciona-se à linha de pesquisa: Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão.

2 Corroboramos com os estudos de Delory-Momberger (2008a), que abordam reflexões sobre biografia, corpo e espaço.

3 A Comunidade do Rosado (RN) está localizada geograficamente na faixa litorânea da região Nordeste do Brasil, especificamente na costa setentrional do estado do Rio Grande do Norte, e inclusa dentro dos limites territoriais do município de Porto do Mangue (RN) (BARROS, 2009). O local possui aproximadamente 720 habitantes. É um lugar de paisagens que encantam os olhos de quem o visita. As falésias, as dunas e a vegetação da Caatinga avançam do interior até o litoral e, podemos dizer, o sertão encontra o mar.

A Comunidade do Rosado (RN) pertence territorialmente ao município de Porto do Mangue (RN), que fica a 10 km da sede. É um lugar de sujeitos que vivem do mar e do campo, de pessoas simples, que preservam seu espaço de moradia. O Rosado não se constitui só de pescadores, pois muitos exercem outras atividades econômicas e desenvolvem diversas funções sociais. Na comunidade, encontramos diferentes atores sociais: pescadores, marisqueiras, artesãos, poetas, cordelistas, agricultores, líderes comunitários, sindicalistas e professores entre outros, que residem neste espaço de vivências e se afirmam como o seu lugar de pertença.

No Rosado (RN), os moradores desconhecem a origem do nome “Rosado”. Para alguns pesquisadores que estiveram no local, ela está relacionada à combinação de cores entre os sedimentos esbranquiçados das dunas com os terrenos avermelhados e alaranjados dos latossolos⁴ e barreiras⁵, que resultam na coloração rosada. Porto do Mangue faz parte da chamada Zona Homogênea Mossoroense delimitada pelo Instituto de Defesa do Meio-Ambiente do Rio Grande do Norte (Idema-RN).

Definimos essa comunidade como *locus* de pesquisa, devido à nossa convivência pessoal e profissional, há mais de 13 anos com os seus moradores. É um lugar fértil de saberes da experiência formadora para o campo da pesquisa (auto)biográfica. A memória aflora nas lembranças e recordações vividas ao longo da história dos sujeitos, na relação de educar e formar para a sensibilidade dos saberes da experiência.

Esta pesquisa encontra-se organizada em duas seções: a primeira, “Caminho trilhado pelos mais velhos: construído espaços de saberes com os jovens do lugar”; e a segunda “Das experiências dos mais velhos, ficaram as lições: o que pensam os jovens da Comunidade do Rosado (RN)?”.

Caminho trilhado pelos mais velhos: construído espaços de saberes com os jovens do lugar

Neste momento, tem início um passeio com destino aos saberes resultantes das experiências dos mais velhos da Comunidade do Rosado (RN), para que se possa perceber como os referidos saberes são repassados para a nova geração por meio das lições de aprendizagem. Entender esses diferentes saberes é, antes de tudo, valorizar e respeitar o estilo próprio de vida de cada um do lugar. A experiência é a ação de nos colocarmos para o outro e com o outro. É, em primeiro lugar, para Bondiá (2002), um encontro ou uma relação com algo que se experimenta que se prova. Segundo o autor, a experiência é o que passa, é o que acontece aos sujeitos. É na experiência que os moradores expressam a paixão⁶ pelo que fazem e pelo que sabem. Viver em comunidade é reconhecer o seu lugar de pertencimento e respeitar o outro nos espaços de nossas existências.

No velejar das lembranças vivenciadas pelos mais velhos da Comunidade do Rosado (RN), é possível fazer um passeio pelo passado, no presente, que propõe a sua diferença

4 Solos constituídos predominantemente por material mineral, em geral profundos, velhos, bem drenados, baixo teor de fragmentos de rocha, baixo teor de materiais facilmente intemperizáveis, homogêneo, estrutura granular, sempre ácidos, nunca hidromórficos.

5 Cobertura de origem Sedimentar Continental; Tabuleiros com altitude média de 40m acima do nível do mar. Sedimentos de Granulometria Variada formados por areia, silte e argila com concreções ferruginosas.

6 Para Bondiá (2002), a palavra paixão pode referir-se a várias coisas. Ela é um elemento da experiência. Sem paixão, não se vivencia o sujeito da experiência, porque os saberes da experiência se dão na relação entre o conhecimento e a vida humana, e é um saber que não pode se separar do indivíduo concreto em quem encarna. Sem paixão, não é possível capturar a experiência, nem fazer referência ao outro. Não se pode pensar a si mesmo, no outro, sem essa paixão pelo outro.

em termo de ponto de vista. Conforme afirma Bosí (1994), as lembranças dos mais experientes do lugar deixaram e deixarão rastros para as gerações futuras, de modo que poderão compreender as experiências vividas nas suas especificidades. A pesquisa biográfica faz menção ao espaço dos lugares dos acontecimentos que consideram esses espaços espécie de fundo decorativo que não dá conta da dimensão espacial de nossas experiências (DELORY-MOMBERGER, 2008a).

Na (re)construção do caminho trilhado pelos mais velhos do Rosado, rumo ao encontro com os saberes por eles adquiridos, suas experiências e narrativas são elementos inseparáveis do saber e da cultura. Segundo Delory-Momberger (2008b, p. 97), “[...] tudo que é narrado e partilhado pode se constituir em elemento politizador de novas sínteses criativas e em elos que ligam os sujeitos entre si”. É no educar, no aprender e no compartilhar com o outro que a experiência toma forma. Ela é uma ação praticada em coletividade. Para Bondiá (2002), a experiência é a ação de nos colocarmos para o outro e com o outro, em uma relação com algo que se experimenta que se prova. É o que acontece, mas o que nos acontece, o que nos passa.

Segundo Rodas e Arboleda (2016), a experiência cotidiana de um povo permite compreender e interpretar as relações entre o humano e o espaço habitado na confluência entre dominação, controle e resistência na esfera socioespacial do lugar onde vivem, são nesses espaços de sociabilidade que os sujeitos da Comunidade do Rosado (RN) adquirem e atuam, participam dos acontecimentos e constroem a formação em comunidade. No lugar da experiência, o sujeito da experiência pode (trans)formar os outros a partir do compartilhamento dos saberes e fazeres como ação do encorajamento ou como atividades

próprias deles. Esses sujeitos⁷ são como: Ne-reu⁸ de 60 anos de idade, que é aposentado; e Dona Morena, que está com 54 anos e é artesã. Esses moradores têm transmitido seus conhecimentos que adquiriram nos espaços das experiências ao logo da vida para os jovens da Comunidade do Rosado (RN).

Nos parágrafos subsequentes, com a mesma importância, ganham destaque as narrativas de dois jovens da Comunidade do Rosado (RN). Seus relatos estão relacionados às lições de aprendizagens e o aprender com o outro no corpo biográfico do outro. Através de suas narrativas, é possível acessar a história da comunidade e conhecer sobre a origem e os acontecimentos de luta e resistência no lugar. Dos seus relatos, renascem os saberes advindos das experiências dos mais velhos da comunidade, repassados de geração em geração.

As vozes desses jovens, na condição de aprendentes, dialogarão com as dos mais velhos, que trazem uma rica bagagem de histórias de vida⁹ e saberes da experiência na comunidade. Para conduzir esse diálogo serão usados três questionamentos: “quais sa-

7 Para todos os sujeitos deste estudo, perguntamos se aceitavam participar da pesquisa e se concordavam em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Autorização de Uso de Imagem, das narrativas e da publicação. Consideramos o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos e consideramos o desenvolvimento e o engajamento ético. Explicamos sobre a eticidade da pesquisa; sobre os aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos e ressaltamos o que deve atender aos fundamentos éticos como constam na Resolução nº 510/2016.

8 Os nomes citados são os nomes como eles gostam de ser chamados na comunidade, pois, neles há um significado e pertença pela convivência do lugar onde mora.

9 As histórias de vida indicam caminhos da autoformação, segundo Pineau (2010, p. 167), “considera as histórias de vida como um método de investigação-ação, que procura estimular a autoformação, na medida em que o esforço pessoal de explicitação de uma dada trajetória de vida obriga a uma grande implicação e contribui para uma tomada de consciência individual e coletiva. A biografia é, simultaneamente, um meio de investigação e um instrumento pedagógico: é essa dupla função que justifica a sua utilização no domínio das ciências da educação e da formação”.

beres frutos da experiência dos mais velhos são repassados pelos jovens da Comunidade do Rosado (RN)?”; “Como os jovens (re)significaram os saberes da experiência dos mais velhos para a sua formação no cotidiano da comunidade, hoje?”; “Será que as vozes dos mais velhos da comunidade são ouvidas e respeitadas pelos jovens, ou não?” Esses questionamentos têm a intenção de compreender a relação do ensinar e aprender em comunidade.

O primeiro jovem foi batizado com o nome Escultor¹⁰. O jovem Escultor conta que o seu maior objetivo é seguir em frente na profissão de artesão. Está com 32 anos de idade e trabalha como servidor público municipal na própria comunidade. Nas horas vagas, no trabalho ou em casa, ele reserva tempo para esculpir suas peças de madeira. O jovem escultor expressa o seu desejo de ser um artista profissional reconhecido e valorizado. Em suas narrativas, menciona ter aprendido a arte de esculpir com seu pai. Ele afirma ficar encantado quando alguém aprende com suas lições, da mesma forma como aprendeu com seu pai. Nessa relação de troca, Delory-Momberger (2008a) explica que o fundo original de nossas experiências é constituído por essa relação sensível e dinâmica de nosso corpo-espaço no espaço que nos engloba e onde encontramos outros corpos-espaços. Como se vê, os sujeitos históricos se organizam a partir das suas relações sociais e culturais e, a partir de um desejo comum, se fortalecem em comunidade para alcançar os seus objetivos de forma coletiva.

No encontro de outros corpos-espaços, apresentamos o segundo jovem escolhido para esse diálogo é, na verdade, uma jovem, conhecida por Nega. Ela tem 34 anos¹¹. A jovem

relata, em sua narrativa, ensinamentos recebidos na tenra idade e que permanecem vivos no seu dia a dia, na comunidade. As lições de aprendizagem que acompanham a vida da jovem Nega, desde pequena, são reflexo da participação da família em sua educação. Segundo Josso (2010b), o ato de aprender acontece numa temporalidade e se desenvolve pela articulação de atividades diferenciadas. Nesse processo da convivência em família e do aprender em comunidade, Nega foi estimulada a desenvolver as etapas de sua vida. Para Delory-Momberger (2008a, p. 98),

[...] nós agimos no espaço e nós fazemos agir o espaço dando-lhe significações, valores que estão ligados à nossa pessoa, à nossa história, às nossas emoções e sentimentos etc. Nós temos então uma prática reflexiva e afetiva do espaço que nos conduz a investi-lo biograficamente e a fazê-lo um dos componentes de nossa construção pessoal.

A citação acima aponta que o espaço nos constitui e nós nos construímos biograficamente no e com o espaço. É nesse espaço de vida que “os homens habitam o espaço e o espaço os habita, eles constroem o espaço e o espaço os constrói, eles fazem o espaço significar e o espaço confere significado a seu ser e a sua ação” (DELORY-MOMBERG, 2008, p. 99). Nesses espaços de construções, a jovem narra o momento vivido, em espaço construído de lembranças, ela conta que seu pai era pescador de lagostas, em Porto do Mangue (RN). Era um pescador muito requisitado para a pesca de mergulho com o compressor.

A jovem Nega explica que seu pai, com essa profissão, sustentava a família, mas comenta que ele também era agricultor, atividade que, ainda hoje, exerce. Para elucidar a questão relacionada à preservação dos saberes da experiência dos mais velhos, no sentido de estarem ou não sendo repassados para os mais jovens

da assim na comunidade. Ela admite: “*me chamam de Nega, eu gosto, não tem problema não*”.

10 O nome fictício do jovem entrevistado é Escultor, escolhido por ele mesmo. Explicou que gosta desse nome porque se identifica muito com a arte, assim, demonstra sua identidade e pertencimento do lugar.

11 A jovem explica que esse nome foi sua irmã que lhe deu, quando ainda era pequena, e, até hoje, é chama-

da comunidade, Nega explicita: “[...] meu irmão seguiu a profissão do nosso pai, de pescador. Não quis estudar. Queria ser pescador e aprendeu com o nosso pai a experiência de pescar mergulhando com o compressor”.

Conforme as narrativas de Escultor e Nega, os saberes dos mais velhos de pescar, plantar e esculpir são repassados e ensinados para os jovens. Nessa relação de ensino e aprendizagem, os saberes e ensinamentos são (re)significados para a formação desses jovens como cidadãos. Segundo Delory-Momberger (2008a), a primeira experiência de espaço é aquela do corpo, ou seja, do corpo como espaço e do corpo no espaço. As experiências de espaço, do corpo e do lugar das relações de si com os outros.

A partir de agora, ganham lugar as vozes da experiência, a fim de se perceber a visão daqueles que ensinam os saberes. Entra em cena Neneu e Dona Morena, os moradores afirmam que as lições e os saberes dos mais velhos estão, sim, repassados para os jovens da comunidade. No que se refere ao elemento respeito, na comunidade, Neneu e Dona Morena foram indagados da seguinte maneira: “os mais velhos são respeitados pelos jovens da comunidade? E esse respeito está sendo ensinado e praticado pelos jovens da comunidade?”. O morador Neneu narra que os jovens da comunidade respeitam os mais velhos, e complementa: “na comunidade, a gente faz de conta que o pai de um é o pai do outro”.

Na fala de Neneu, fica claro que, na comunidade, há uma relação de respeito entre os membros das famílias. Um obedece ao outro e vice e versa. Em sua narrativa, o morador explica: “Eu só tenho um filho homem, mas ele nunca fez uma coisa para me responder. Eu tenho os netos. Eles trabalham. O que eu peço para eles, eles fazem”. Para Bosi (1994), a memória individual desses sujeitos depende do seu relacionamento com a família, com a classe

social, com a escola, com a igreja, com a profissão, com tudo que se refere ao seu convívio em comunidade.

A partir da temática de criação de filhos, surgiu a oportunidade de indagar os mais velhos sobre a educação. Foram solicitados a comparar a educação de hoje com a educação de antigamente. O morador Neneu relata que na sua época foram tempos difíceis. Não existia escola na comunidade e a educação era para poucos. Mesmo assim, a linguagem própria construída pelos ensinamentos na comunidade foi passada de geração a geração. Havia respeito pelos mais velhos e os jovens obedeciam aos seus pais. Aprenderam com os moradores mais velhos da Comunidade do Rosado (RN) respeitando seus pais e os mais velhos.

O morador Neneu ressalta que, antigamente, na comunidade, os jovens tinham que pedir a bênção aos mais velhos, mesmo que não fossem seus parentes. E se tivesse dois homens conversando, não podiam passar no meio da conversa. Era melhor buscar outro caminho. Essas formas de respeito, segundo Neneu, são praticadas na comunidade até hoje. Dona Morena, mais uma voz da experiência, conta que os jovens da comunidade do Rosado (RN) estão preservando e praticando o respeito pelos mais velhos. Ela cita o exemplo de seu sobrinho, criado pelos seus pais. Em suas palavras: “ele respeita muito os meus pais e pratica o que aprendeu com eles. O que ele aprendeu com os meus pais, ele traz para a vivência e para o dia a dia dele”. Por intermédio das narrativas dos moradores mais experientes, é possível perceber que os jovens da comunidade mantêm a tradição do respeito pelos mais velhos. Eles escutam e aprendem com seus exemplos. Dessa maneira, os espaços, os costumes da comunidade estão sendo preservados e valorizados pelos seus moradores.

Com base nas narrativas dos mais velhos e dos jovens, os saberes da experiência são

repassados pelos seus moradores, compartilhados uns com os outros no lugar, no espaço de transformação da experiência, dessa forma, estão contribuindo para a formação do cotidiano da comunidade. Os sujeitos da comunidade relembram por meio da memória o início da formação da comunidade, das dificuldades de permanecerem no lugar, dos ensinamentos das tradições, dos saberes da experiência compartilhada com o outro em coletividade.

Das experiências dos mais velhos, ficaram as lições: o que pensam os jovens da Comunidade do Rosado (RN)?

Conforme nos afirma Delory-Momberger (2008a, p. 105, grifos da autora), “nossas experiências e nossas práticas do espaço se efetivam e ganham sentido nas representações construídas de nossa história pessoal, ou melhor dizendo, na nossa *biografia*”. Para a autora, essas construções biográficas do espaço nos levam a elaborar um mundo de significações de valores que se constitui de espaços interior e exterior, de algum modo para nós, o mundo interior que o espaço exterior. É dentro desses espaços interior e exterior que será adotada para cada um de nós a compreensão da biografia singular como plural do espaço dos acontecimentos, da experiência, dando sentido a nossa existência.

Essa relação vivida em comunidade manifesta o sentimento de nós mesmo no espaço, esse espaço construído de saberes da experiência na comunidade. Partindo da ideia que construímos formas de nós mesmos numa espacialidade e temporalidade, foram lançadas duas questões: “os mais velhos estão passando seus saberes para os mais jovens?”; “E os mais jovens estão despertando o interesse em aprender?”. Diante dessas questões, é neces-

sário destacar que, na comunidade, os moradores praticam duas relevantes atividades: agricultura e a pesca. Dona Morena relata que os jovens vão para a vazante, limpam a terra para plantar e querem conhecer como lidar com essa atividade. Isso eles aprendem com os mais experientes da comunidade.

Segundo as narrativas de Dona Morena, os jovens da comunidade têm o interesse de aprender com os mais velhos, estabelecendo uma relação do ensinar e do aprender. A moradora explica: “*esse ensinamento ainda tem na nossa comunidade, e espero que continue por muito tempo, para não deixar morrer a nossa cultura*”.

A jovem Nega, por sua vez, relata que aprendeu a trabalhar na agricultura com o auxílio dos ensinamentos dos seus pais. Ela explica que quando o seu pai plantava no roçado, juntava várias pessoas da comunidade para fazer a colheita de milho, feijão, melancia. A jovem lembra: “*quando era na época do caju, tinha uma tia que morava lá nos lotes [...]. A gente ia quando era no tempo da colheita, apanhava caju e castanha*”. A jovem Nega conta que, na comunidade, ainda tem jovens que praticam os saberes da experiência dos mais velhos. E complementa:

[...] Muitos jovens ainda vão para a pesca, mais também alguns pescam e estudam. Pescam pelo dia e estudam à noite. Mas, muitos também já estão indo em busca de estudar para se formar e, no futuro, ter outra profissão, não só a profissão de pescador, mas também ter outra profissão [...]. Muitos pescam pela sobrevivência, porque, no tempo da lagosta, é o tempo que eles vão mais pescar [...]. Porque estão precisando de dinheiro e a família não pode dar o que eles precisam, aí eles vão pescar, mas pesca pelo dia e, durante à noite, vão estudar. Estão fazendo as duas coisas, indo em busca de algo melhor para a vida de cada um.

Nas narrativas acima, é possível perceber que os saberes da experiência de moradores

da Comunidade do Rosado (RN) são transmitidos e ensinados para os jovens, quando estabelecem uma relação de aprender com o outro no lugar do outro, no espaço do outro com os outros. Para os jovens, a pesca na comunidade se caracteriza como uma forma de sobrevivência como também para adquirir aquilo que os pais não podem lhes dar. Dona Morena confirma esses fatos ao relatar: *“tem alguns jovens que não querem fazer essas atividades, querem apenas estudar”*.

O jovem Escultor acrescenta que, hoje, na comunidade, tem uma minoria de jovens que quer seguir o ramo da pesca, porque a maior parte quer estudar, para seguir uma profissão com trabalho remunerado, e não quer seguir o ramo de pescaria porque é uma atividade mais difícil. No que se refere à prática do artesanato, Dona Morena relata: *“estou pronta para ensinar a qualquer um da comunidade que queira aprender, que tem interesse de aprender, posso ensinar o que eu sei”*. Dona Morena externa que, até hoje, tem desejo de aprender e tem o mesmo respeito de escutar os mais velhos, não só os seus pais, mas qualquer um da comunidade. Para Delory-Momberger (2008a), ao longo de nossas práticas, construímos uma experiência do espaço, que nos permite apreender e fazer com que novos espaços nos sejam inteligíveis, sensíveis, e a integrá-los à nossa experiência adquirida.

O jovem Escultor relata sobre os saberes da experiência que aprendeu no cotidiano na comunidade e lembra que, aos seus 13 anos, na comunidade, *“a água não era encanada, carregava em jumento, e a luz era lamparina. E nem por isso a gente deixou de seguir adiante com o respeito que nossos pais ensinavam”*. O jovem explica como construiu os saberes da experiência na arte de esculturas:

Hoje eu tenho o dom da arte de fazer escultura. [...] essa experiência eu ganhei na minha vida, com meu pai. Foi o que me valeu à pena [...].

Deus já levou meu pai, mas ele deixou eu cheio de experiência, respeito. Foi o que ele me passou como pescador, ele pescava. Eu aprendi a pescar com ele. Ele também fazia um pouco de escultura, eu aprendi um pouco com ele. Hoje, eu tenho a escultura mais detalhada porque eu fui praticando e me aperfeiçoando. E, hoje, eu faço uma escultura bem bonita, mas eu agradeço muito a ele [...].

O jovem Escultor explica que aprendeu a arte de esculpir, ao observar seu pai, também escultor a fazer pés, peito e mãos de madeira, objetos utilizados pelas pessoas da comunidade para pagarem suas promessas. No início, o jovem fazia esculturas pequenas, hoje, ele as faz maiores e bem interessantes, como esculturas de macaco e de casais.

Escultor é um exemplo de como os jovens da comunidade têm grandes oportunidades de aprender com os mais velhos, seja o manejo da pesca, o cuidar da terra, a agricultura ou as habilidades do artesanato. Essas atividades – praticadas na comunidade como meio de adquirir renda para ajudar nas despesas das famílias – podem ser exploradas pelos jovens através dos saberes da experiência dos mais velhos do Rosado.

Atualmente, os jovens da comunidade estão divididos entre as atividades locais e os estudos, pois entendem que seguir os passos dos mais velhos é respeitar e valorizar os costumes e as tradições. A experiência relatada por Escultor demonstra que os saberes dos mais antigos da comunidade estão passando para as gerações posteriores e contribuindo para sua formação dentro dos seus espaços de possibilidades na dimensão do tempo. Ele enfatiza: *“Cresci um pouquinho e tenho muito para aprender e levar a minha profissão adiante, como pescador. Eu aprendi, não só com o meu pai, mas com os pescadores experientes da comunidade”*. Essa aprendizagem do espaço, segundo Delory-Momberger (2008a), estabeleceu um sentido de que cada uma de nos-

sas ações é, em si mesma, criadora de espaço, onde cada um produz um arranjo espacial singular. O jovem Escultor relembra como construiu a profissão de pescador desde o início, sendo instruído dia a dia, na convivência com o outro na comunidade. Ele explica:

Eu aprendi na pescaria. Foi através de seu Cícero Cosmo, um senhor daqui do Rosado que, hoje, tem uns setenta e poucos anos, aposentado. Ele pescava, na época, bem perto da costa, e eu queria aprender a pescar de qualquer forma. Aí eu fugia de casa, sem que minha mãe visse. Eu tinha, na época, 10 anos. Minha mãe não deixava eu ir, mas eu fugia. Até que fui aprendendo [...]. Fui pegando amizade com os filhos dele e a gente foi crescendo um pouquinho e passando a pescar junto, eu e o Artur Cosmo, que, hoje, ainda continua pescando. E eu, aqui e acolá, ainda vou. Fomos pescando e, com o passar do tempo, fomos arriscando a mergulhar, a pescar mais distante. E eu passei a me arriscar a mergulhar, e fui aprendendo. E hoje mergulho, pego peixe, lagosta, tudo mergulhando [...].

Nas narrativas dos mais velhos e dos jovens da comunidade, os saberes da experiência são compartilhados pelos moradores mais velhos aos jovens desejosos de aprender. Nessa troca de saberes da experiência com o outro, é construída a formação. Segundo Josso (2010b), a formação se distingue de duas formas: como um processo de mudança e como projeto, produção de sua vida e de seu sentido. Ambos são relevantes para que os jovens da comunidade, através da aprendizagem, desenvolvam e desempenhem um papel decisivo em sua formação.

Os jovens devem encarar os desafios e estabelecer metas para os futuros projetos que terão pela frente. Na comunidade, os jovens aprendem com os saberes da experiência com o outro, mas aprendem também com a paixão pelo conhecimento, com a pesca, a agricultura e o artesanato. Aprendem com a família, pelas tradições passadas de pais para filhos, mesmo que, no futuro, eles não queiram seguir os fazeres da comunidade.

O exemplo do jovem Escultor permite que o aprendizado dos saberes na comunidade tenham uma continuidade, graças ao costume e tradição de compartilhar as experiências dos mais velhos aos mais jovens. Escultor expressa uma paixão pelo que faz e é com esse sentimento que se constrói a experiência. O jovem explica que “os valores que a gente aprende não é só da gente, é pra gente passar adiante, porque, se você achou bom que alguém lhe ensinou, ensine para alguém, porque uma coisa só fica boa quando a gente divide com os outros”. Essa reflexão do jovem mostra a construção de uma formação a partir do que aprendeu com os mais velhos.

A jovem Nega externa a importância da comunidade para sua vida. Ela diz: “eu amo morar nessa comunidade. Desde que nasci, moro nela e me orgulho da minha comunidade”. No Rosado (RN), os moradores já passaram por momentos difíceis, mas, hoje, conforme os relatos de moradores, é um lugar tranquilo de morar.

No que diz respeito à formação escolar, o jovem Escultor concluiu o Ensino Médio e dedica seu tempo para fazer suas esculturas. Já a jovem Nega terminou o Ensino Médio, o Ensino Superior em Pedagogia e faz Pós-Graduação em Psicopedagogia. Na opinião da jovem, “devemos se formar e aprender novos conhecimentos e trazer esses saberes para dentro da nossa comunidade. Nós temos que correr em busca dessas oportunidades, para quando precisar de profissionais capacitados, que seja da nossa comunidade”.

Existem, na comunidade, outros jovens que estão concluindo o Ensino Superior em Pedagogia, Geografia e História. Alguns já se formaram em Direito, Pedagogia e Gestão Ambiental e estão trabalhando na própria comunidade. Esses jovens são a prova do que Freire (1987) explica que ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho. Os homens se educam jun-

tos, por intermédio do mundo, com um ser que busca a construção da formação e está em constante transformação.

A trajetória de vida e de experiências dos moradores através das memórias individuais e coletivas de Neneu, Dona Morena e dos jovens, Escultor e Nega, trazem vivências que marcam lembranças dos lugares e dos acontecimentos e que estão guardadas na memória. Segundo Delory-Momberger (2008a, p. 107), “nós estamos fisicamente incluídos enquanto corpo-espaço e que responde para nós a uma significação orientada no tempo, a uma intencionalidade, a um projeto que faz sentido e efeito na singularidade de nossa existência”. Para Rodas e Arboleda (2016), os lugares serão entendidos através da vida dos habitantes e espaços, onde são criadas memórias e experiências presentes que imprimem no imaginário desses lugares uma dinâmica de interação entre sujeitos e espaço. Cada trajetória tem relação com a vida diária de cada um dos moradores na comunidade, com a família e com os amigos, para cada um, esse espaço se inscreve em uma geografia pessoal que não se sobrepõe a nenhuma outra.

Nesse conjunto de ensinar com o outro no lugar do outro, compreendemos que na comunidade os mais velhos estão passando os saberes da experiência, ensinam em casa aos filhos, e ensinam aos outros moradores para a construção de sua formação. Para Josso (2010b), a formação serve para designar realidades diferentes, mesmo que cada uma se ligue, de uma forma ou de outra, nos diferentes campos da experiência.

Lembranças de histórias para continuar a contar: algumas considerações

Nesse processo de trabalhar e incorporar biograficamente os acontecimentos e as expe-

riências de aprendizagem e formação ao longo da vida, o caminho foi o método (auto)biográfico pelo acesso das narrativas (auto)biográficas de moradores que vivenciaram e vivenciam seus espaços de construção em compartilhamento com o outro na conciliação da memória individual com a memória coletiva.

Através do método (auto)biográfico, os sujeitos do lugar narram suas histórias de vida e apresentam os saberes da experiência que contribuem para a formação do cotidiano na comunidade, esses saberes, tais como: pescar, plantar, esculpir, rezar e costurar, são construídos pelos seus moradores ao longo da convivência na comunidade. Compreendemos, por meio das narrativas dos dois jovens da comunidade, que as lições de aprendizagem dos mais velhos através dos saberes da experiência, nos seus espaços de vivências, são repassados para os jovens. Esses saberes da experiência permanecem no lugar, de modo que os próprios jovens aprendam e compartilhem uns com os outros na construção de representações em coletividade.

Ao narrarem as suas experiências, os moradores da Comunidade do Rosado (RN) se apropriam da sua própria história de vida. Formam a si mesmos e com o outro. Na coletividade, se constituem pelo sentimento de pertencimento do lugar; agem a partir de si e sobre o meio em que estão inseridos, lutam para manter viva a história através das recordações do passado vivido para outras pessoas, inclusive da própria comunidade.

A pesquisa (auto)biográfica se constituiu numa fonte riquíssima de narratividades, uma vez que permite a dimensão da autoreflexão e abre um caminho para autoformação. As entrevistas com moradores da Comunidade do Rosado (RN) assumiram grande contribuição, considerando que as narrativas são um elemento que impulsiona, irriga e dá vida a essa investigação e estabelece uma relação dialó-

gica entre pesquisador e entrevistado. Os moradores da Comunidade do Rosado (RN) são agentes de um processo histórico em que no seu cotidiano constroem e (re)constroem seus espaços com base nas relações sociais.

Referências

BARROS, Luis Felipe Fernandes. O Desenvolvimento do Geoturismo no município de Porto do Mangue/RN com base no complexo “Dunas do Rosado”: patrimônio geológico Potiguar. UFRN/Programa de Educação Tutorial (P.E.T.) Natal RN. Campinas, Setur/SBE. **Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas**, 2(1), (2009). Disponível em: www.sbe.com.br. Acesso em: 20 jan. 2016.

BONDÍÁ, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Nº 19. Jan/Fev/Mar/Abr, p. 20-28. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística, (2002). Disponível em: www.scielo.br/. Acesso em: 31 maio 2017.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. Lembranças de velhos. 3ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, (1994).

FERNANDES, Stenio de Brito. **Contar a vida, construir a formação**: narrativas de empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN. 2018. 210 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Mossoró. 2018.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. 2 ed. rev. e amp. Natal, RN: EDUFRN, São Paulo: Paulus, (2010a).

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre: Edipucrs. Tradução de Albino Pozzer, (2010b).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, (1987). Disponível em: www.dhnet.org.br. Acesso em: 27 dez. 2015.

DELORY-MOMBERGER, Chistine. Biografia, Corpo, Espaço. **Tendências da pesquisa (auto) biográfica**, In; PASSEGI, Maria da Conceição Passegi. Natal – RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, (2008a).

DELORY-MOMBERGER, Chistine. **Biografia e Educação**: figuras do indivíduo-projeto. Natal – RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, (2008b).

PINEAU, Gaston. LE GRAND, Jean-Louis. **As histórias de vida**; Tradução de Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi – Natal: EDUFRN, 2010.

RODAS, Hilderman Cardona; ARBOLEDA, Juan David Cardona. Heterotopías urbanas. Espacios de la exclusión y miradas biopolíticas de Medellín en el siglo XX. **Revista Ciencias Sociales y Educación**. Universidad de Medellín. Vol. 5, No. 9, p. 81-104, enero-junio de 2016. Disponível em: <https://revistas.udem.edu.co/>. Acesso em: 28 abr. 2020.

Recebido em: 29/05/2020

Revisado em: 20/10/2020

Aprovado em: 15/03/2021

Ana Lúcia Oliveira Aguiar é formada em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mestra e doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), pós-doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente, é professora adjunta IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). *E-mail*: anaaguiar@uern.br

Stenio de Brito Fernandes é formado em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), especialista e mestre em Educação pela mesma universidade. Atualmente, é professor permanente, nível IV, da Secretaria da Educação e da Cultura do Estado do Rio Grande do Norte (SEEC-RN). *E-mail*: steniondre@hotmail.com

Aleksandra Nogueira de Oliveira Fernandes é formada em Pedagogia e Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Atualmente, é professora de Didática do IFRN. *E-mail*: aleksandra.nogueira@ifrn.edu.br